MEMÓRIAS DA INFÂNCIA NA VILA DONA TEREZA CRISTINA DE CRICIÚMA

ANO DE 1975 a 1980

MEMORIES of CHILDHOOD in VILA DONA TEREZA CRISTINA of CRICIÚMA

YEAR of 1975 to 1980

Juliana Rodrigues Budal¹

Marli de Oliveira Costa²

RESUMO: Este artigo trata de uma pesquisa sobre memórias da infância em um bairro de Criciúma. O objetivo do estudo foi de compreender como as crianças da Vila Dona Tereza Cristina de 1975 a 1980 construíram a sua infância no ambiente em que viviam. A metodologia adotada foi relatos por meio de um questionário de quatro antigos moradores que eram crianças no ano de 1975 a 1980 e que moravam na Vila Dona Tereza Cristina. As referências utilizadas para compreender a história da Vila Dona Tereza Cristina foram os autores Nascimento (2000), Generoso (2001). Para o conceito de infância utilizo Ariés (1978), e, para a reflexão de lembranças e memórias: Nora (1993). Bosi (1999). Também foi necessário consultar estudos que abordam brinquedos e brincadeiras como: Brougère (2004), e Fantin (1999). A pesquisa evidenciou que as crianças da Vila Tereza Cristina de 1975 e 1980 brincavam no espaço da “rua” e criavam seus próprios brinquedos e brincadeiras.

PALAVRAS CHAVE: Memórias. Infância. Brinquedos. Dona Tereza Cristina.

ABSTRACT: This article discusses a research on childhood memories in a neighborhood of Criciúma. The objective of this study was to understand how the children of the village Lady Tereza Cristina from 1975 to 1980 built your childhood in the environment in which they lived. The methodology adopted was reports through a questionnaire of four former residents who were children in the year 1975 to 1980 and who lived in the village Lady Chinu. The references used to understand the history of Vila Dona Teresa Cristina were the authors birth (2000), Generous (2001). For the concept of childhood I use Aries (1978), and, for reflection and memories: Nora (1993). Bosi (1999). It was also necessary to consult studies that discuss toys & games like: Brougère (2004) and Fantin (1999). The research showed that the village children Tereza Cristina of 1975 and 1980 were playing in the space of the "Street" and created their own toys and games.

KEYWORDS: Memories. Childhood. Toys. Dona Teresa Cristina.

¹ Graduada em Pedagogia da UNESC. Email: julianarodriguesbudal@hotmail.com

² Doutora em Educação - UFRGS. Email: moc@unesc.net

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº1, janeiro/junho 2019.– Curso de Pedagogia– UNESC

1 INTRODUÇÃO

Esse estudo tem como tema “Memórias da infância na Vila Dona Tereza Cristina de Criciúma no ano de 1975 a 1980”. Meu interesse por essa temática deu-se porque, assim que iniciei o curso de pedagogia comecei a trabalhar como auxiliar de sala na educação infantil, a convivência diária com as crianças reforçou em mim, ainda mais o interesse acerca da história das infâncias. Porém, o objeto dessa pesquisa surgiu na terceira fase do curso a partir das aulas da disciplina Teoria e Saberes da Infância, que me despertou o desejo de compreender como foi construída a infância na Vila Dona Tereza Cristina no ano de 1975 a 1980, ano que os moradores ocuparam esse espaço. O interesse em descobrir como foi à infância das crianças pertencentes a esta vila em específico, deu-se porque nasci e cresci na cidade de Criciúma nessa mesma vila, que nos anos de 1990 era denominada bairro Tereza Cristina, no entanto, era conhecida como bairro Pedregal.

Foi assim então que elaborei o seguinte problema de pesquisa: como as crianças da Vila Dona Tereza Cristina do ano 1975 a 1980 construíram sua infância? Tendo por objetivo: compreender como as crianças da Vila Dona Tereza Cristina de 1975 construíram a sua infância no ambiente em que viviam. Para tanto foi necessário: Investigar de que forma surgiu a Vila Dona Tereza Cristina em Criciúma e em que contexto; perceber como foi à infância das crianças moradoras da Vila no ano de 1975 a 1980 e descobrir quais eram as brincadeiras dos meninos e meninas, no momento em que a vila estava se formando, 1975.

O procedimento da pesquisa quanto à abordagem do problema é de característica qualitativo, pois o objetivo da pesquisa é compreender como as crianças da Vila Dona Tereza Cristina de Criciúma do ano 1975 construíram sua infância por meio de relatos das lembranças dos antigos moradores. De acordo Pinheiro (2010) a pesquisa qualitativa caracteriza-se pela tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características de comportamento. Esta pesquisa deu-se de forma básica. De acordo com Pinheiro (2010, p. 19), “A pesquisa básica tem o como objetivo gerar conhecimentos para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista”.

Quanto ao objetivo da pesquisa é de característica descritiva, pois visa encontrar elementos essenciais que lhe possibilitem um contato com determinada população, em especial os moradores dessa determinada Vila. Para Pinheiro (2010, p.22):

A pesquisa descritiva visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coletas de dados: questionários e observação sistemática.

Como metodologia de pesquisa foi utilizada a pesquisa documental e a coleta de depoimentos, registrados em formulário específico. Os relatos são de quatro antigos moradores, que eram crianças no ano de 1975 a 1980 e que foram transferidos juntos com suas famílias ou foram morar na Vila que ali surgia. Segundo Pierre Nora (1993, p.09):

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido; ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.

Por isso a importância da pesquisa e dos relatos dos antigos moradores da Vila na época. Os depoimentos foram registrados e foi solicitado aos entrevistados no momento da entrevista autorização para uso.

Os principais autores utilizados para compreender a criação do Bairro Vila Dona Tereza Cristina por meio dos autores: Nascimento (2000), Generoso (2001) e para o conceito de infância o autor Ariés (1978) os autores que deram suporte na reflexão de lembranças e memórias foram os autores: Nora (1993). Bosi (1999), os estudiosos consultados com embasamento teórico de brinquedos e brincadeiras Brougère (2004) e Fantin (1999).

Em um primeiro momento discuto o conceito de infância e criança. Na sequência apresento de acordo com os autores como que surgiu a Vila Dona Tereza Cristina e por último os relatos dos antigos moradores de como foi a sua infância na vila.

2 CONCEITOS DE INFÂNCIA E CRIANÇA

Segundo o dicionário prático língua portuguesa Michaelis (2008, p. 239) “criança é o ser humano no período da infância; menino ou menina. Pessoa que entretém com coisas pueris ou não trata os negócios com seriedade. Criança de peito: a que mama”. De acordo com Ariès (1978, p.157) “na sociedade medieval, que tomamos como partida, o sentimento de

infância não existia- o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. ”.

Segundo o autor, nesse período, não existia a particularidade infantil as crianças eram tratadas como adultos em miniatura. O autor também define que o “sentimento de infância” foi marcado em dois momentos o primeiro caracterizado pela ‘paparicação’, que surgiu no meio familiar na companhia das criancinhas pequenas. (ARIÈS, 1978, p. 163). O segundo foi à consciência da particularidade infantil, no que diz respeito à separação das crianças do mundo adulto. Ariés identifica que foi entre os moralistas e os educadores do século XVIII que se formou esse outro sentimento de infância. (ARIÈS, 1978). “[...] O apego à infância e a sua particularidade não se exprimia mais através da distração e da brincadeira, mas através do interesse psicológico e da preocupação moral. ” (ARIÈS, 1978, p. 162).

A partir desses dois posicionamentos diante das crianças que surge então o sentimento moderno da infância, o primeiro está caracterizado pela paparicação, o segundo por normas e regras que deveriam ser seguidas, tornando-as disciplinadas com o surgimento dos colégios. De acordo, ainda com Ariés (1978, p. 168) “assim que ingressava na escola, a criança entrava imediatamente no mundo dos adultos”. O Colégio, dividido em classes escolares passou a ser reconhecido como fundamental na educação da infância e da juventude (ARIÈS, 1978).

Além dos colégios as crianças deveriam ser reconhecidas em suas particularidades na família e em outros espaços. A partir da Modernidade a infância seria o tempo em que as crianças deveriam brincar, estudar e não ter responsabilidades.

Em relação aos direitos das crianças, no Brasil, para o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069, de 13/7/90) Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 1990). Não tem sido assim para a maioria das crianças, no entanto, parece que mesmo aquelas que têm que assumir responsabilidades, conseguem algum tempo para brincar. Para conhecer como foi à infância na Vila Dona Tereza Cristina é importante contextualizar esse espaço.

3 DA RETIRADA DOS TRILHOS AO SURGIMENTO DA VILA DONA TEREZA CRISTINA EM CRICIÚMA

Na década de 1940 a cidade de Criciúma ficou conhecida como a capital brasileira do carvão. Autores como Nascimento (2000), Generosos (2001) Costa (2000) apontam que junto com esse título, Criciúma era reconhecida como uma cidade rumo à modernidade, modernidade que advinha com a ideia de progresso, a partir das atividades carboníferas. No entanto, refletem os pesquisadores, não havia reflexões acerca da degradação do meio ambiente na poluição de rios, ar, destruição das matas e do solo. Esses elementos eram deixados de lado, pois o que importava era o lucro que a industrialização trazia para os empresários.

Muitos pareciam ser os ganhos econômicos com o crescimento das minas de carvão para quem investiu nesse ramo. Porém anos mais tarde a paisagem nativa da região estava substituída por montanhas de rejeitos de carvão. A Vila Dona Tereza Cristina do ano de 1975 é uma vila degradada por esses rejeitos de carvão.

As atividades carboníferas impulsionaram também as vias de transporte na região, uma das primeiras foi a Estrada de Ferro. Conforme Costa (2000 p. 64) “antes da estrada de ferro ser construída, os agricultores transformaram-se em transportadores de carvão. Quem possuía uma junta de boi, levava carvão até o Pontão, município de Jaguaruna. ”. “Essa intensificação da produção do carvão também atraiu muitas pessoas das cidades e vilarejos vizinhos, especialmente litorâneos, que vieram para trabalhar nas minas”. (NASCIMENTO, 2000, p.77). De acordo com Costa (2000, p. 59) “como a cidade não dispunha de número suficiente de pessoas para o trabalho nas minas, a oferta de emprego fixo atraiu para Criciúma um grande contingente de mão-de-obra. ” A partir desse momento a estrada de ferro conduzia o carvão aos portos e também trazia pessoas para trabalharem nas minas de carvão, que então estava necessitando cada vez mais de mão de obra. De acordo com o autor Nascimento (2000, p. 27):

A construção da estrada de ferro “apareceu” aos olhos da população como capaz de trazer desenvolvimento à região sul com sua técnica de construção e seu maquinismo, demonstrando a supremacia técnica do homem e a superioridade do industrialismo dos tempos modernos sobre a época antiga.

“Todo esse crescimento da atividade carbonífera, a partir dos anos 40, teve um profundo impacto sobre Criciúma, gerando um grande crescimento urbano, que pode ser constatado a partir do crescimento populacional do município”. (NASCIMENTO, 2000, p. 77). A estrada de ferro entrou no distrito de Criciúma, em 1918. Pelo lado leste, passando pela Próspera em direção à mina da CBCA, localizada no Bairro Santo Antonio, contribuindo para essa inversão do crescimento urbano, pois cruzou o distrito no sentido leste-oeste e assim conteve o crescimento da área central para o sul, ao mesmo tempo em que suas margens e imediações eram ocupadas por casas, tornando-se assim em uma linha de ocupação nas regiões leste e oeste da cidade. (NASCIMENTO, 2000)

No ano de 1970 depois de uma aceleração e desenvolvimento econômico da cidade com a exploração do carvão e um desejo de modernização a população que morava então em torno do trilho começou a incomodar aqueles que pensavam e dirigiam a cidade. Nascimento (2000, p.139) diz que:

A elite de Criciúma, na década 1970, respirava uma atmosfera impregnada de carvão, mas sonhava com outros ares, os das grandes cidades. Lutava também por uma cidade com largas avenidas e altos edifícios que expressasse a importância que ela tinha aos seus próprios olhos.

Para que esse sonho tornasse realidade era preciso retirar o trilho, moradias e pessoas, dessa forma seriam modificadas a imagem da cidade dando um ar mais moderno e no lugar dos trilhos seria construída uma avenida de modo a esconder os pobres da cidade que ocupavam a zona central e toda a desigualdade social contida na época. De acordo com Nascimento (2000 p, 55) “a retirada dos trilhos significou também uma obra de higienização social do centro, desarraigando toda uma população que tinha os sentidos de sua vida umbilicalmente ligados aos trilhos e à área central da cidade”. Edegar da Cunha Generoso, em sua monografia de pós-graduação sobre Memórias da Marginalização a Fundação do bairro Vila Dona Tereza Cristina 1975-76 diz que “Abandonar o centro da cidade não era uma opção da família, era uma ordem do poder municipal. Por isso, quem não possuísse um terreno em outra localidade seria transferido para bairro Tereza Cristina”. (GENEROSO, 2001 p.29).

Os trilhos da estrada de ferro Dona Tereza Cristina foram retirados da área do centro da cidade de Criciúma a partir do dia 5 de abril de 1975. Foram retirados os trilhos do trecho que vai do bairro Próspera até o bairro Pinheirinho, passando pela área central, sendo leito da

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº1, janeiro/junho 2019.– Curso de Pedagogia– UNESC

ferrovia utilizado para a construção de uma avenida primeiramente chamada de Axial e atualmente como Avenida Centenário. (NASCIMENTO, 2000, p.139). Segundo Nascimento (2000, p.153) “a população pobre que morava em barracos na beira dos trilhos foi transferida para uma área entre os bairros Pinheirinho, Santa Augusta e Paraíso, na periferia da cidade, dando origem à Vila Dona Tereza Cristina”. De acordo com Generoso (2001):

O bairro foi criado pelo poder público para transferir as famílias pobres que viviam as margens da ferrovia suas moradias foram demolidas e por fins transportados para a Vila Dona Tereza Cristina. O terreno era uma área aberta composta por pirita, não existia eletricidade, e água somente nas torneiras de uso coletivo.

Para Generoso (2001, p. 29) algumas famílias tinham outro local para ir morar. A prefeitura se encarregou de fazer a mudança, mas as famílias que não possuíam outro lugar para mora, ficaram alojadas em local improvisado pela Prefeitura até que suas casas ficassem prontas. Muitas famílias dividiam o mesmo espaço.

Segundo Generoso (2001, p. 36) “centenas de famílias tiveram, ao mesmo tempo, o seu cotidiano modificado, não por opção nem por circunstâncias particulares, mas por sujeição a um processo de reestruturação urbana da cidade, implementado pelo poder municipal”. Generoso (2001) destaca que a distância do trabalho, a escola dos filhos, os novos vizinhos, a inexistência dos serviços urbanos foram transtornos que ocorreram simultaneamente para todos os que vieram dos trilhos para o Tereza Cristina, gerando um cotidiano marcado pelo cinza da pirita, pela lama nos dias chuvosos, pela ausência de luz e pelos temporais que amedrontavam.

As crianças que vieram transferidas junto com suas famílias para o bairro que ali então era criado, tiveram que se adequar aquele lugar, construindo a sua infância em outro ambiente, pois a vila Tereza Cristina era uma realidade na qual não fazia parte das suas vidas. Compreender como que a infância dessas crianças foi construída, e se aquele espaço era diferente do que elas tinham antes é o foco principal desta pesquisa.

De acordo com os depoimentos dos entrevistados de Edegar Generoso (2001, p. 20) o bairro ganhou o apelido pejorativo de “Pedregal” apelido que veio da novela que tinha na TV Tupi, pois na novela tinha um bairro que era parecido com o Tereza Cristina, havia pirita e casas pequeninhas, e era chamado de Pedregal. Vejamos então como as crianças da vila

Tereza Cristina construíram a sua infância nesse espaço por meio de relatos das experiências de infância de quatro antigos moradores.

4 AS CRIANÇAS NO PRIMEIRO ANO DA VILA TEREZA CRISTINA: ENTRE MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE INFÂNCIA

O estudo debruçou-se sobre os relatos de quatro antigos moradores, que eram crianças na época de 1975 a 1980 e que moravam na vila Tereza Cristina com suas famílias. Os depoimentos foram realizados da seguinte forma: Em um primeiro momento fiz contato com o morador Hermínio Manganelli que é um dos primeiros moradores do bairro, esse me indicou outra pessoa, e assim sucessivamente, alcancei os moradores mais antigos do bairro. Os depoimentos foram coletados no mês de setembro, no bairro Tereza Cristina na residência dos entrevistados que até a data da entrevista continuavam sendo moradores do bairro aqui citado.

Os entrevistados foram bem receptivos, e ficaram bem à vontade com os questionamentos, os depoimentos foram colhidos por meio de um questionário. Trata-se, pois, de um estudo que aborda memórias de infâncias. Segundo Pierre Nora (1993, p. 09) “a memória é um fenômeno sempre atual um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado.” Desse modo os relatos de memória dos antigos moradores é uma forma de contar a história de um passado de crianças pertencentes a essa vila, a vila Dona Tereza Cristina. Quem foram os depoentes? O quadro a seguir apresenta um pouco de seus perfis. Como, a idade, local de nascimento, sexo e número de irmãos.

Quadro 1: Identificação, data e local de nascimento e número de irmãos.

Morador	Data de nascimento	Local	Sexo	Irmãos
ValmirFlausino	02/06/65	Criciúma	M	7
Rosimere Jeronimo Martins	02/02/67	Criciúma	F	7
Fabricio Manganelli	26/01/75	Criciúma	M	3
Edison Mendes	06/01/74	Criciúma	M	4

Fonte: pesquisa realizada com os moradores, setembro 2017.

Como visto no quadro anterior todos são moradores naturais de Criciúma. E possuem muitos irmãos, fato que reporta a uma infância particular. Conhecer como funcionava a família também é algo que ajudará a discutir as experiências dessa infância. Qual a ocupação do pai e da mãe dos depoentes? O quadro a seguir mostra que:

Quadro 2: Profissão dos pais

Profissão	Pai	Mãe
Valmir Flausino	Jardineiro	Do lar
Rosimere Jeremias Martins	Pintor	Lavadeira
Fabricio Manganelli	Tipógrafo	Costureira
Edison Mendes	Funileiro	Do lar

Fonte: pesquisa realizada com os moradores, setembro 2017. Por Juliana Rodrigues Budal.

Como pode ser visto no quadro acima, às profissões dos pais dos entrevistados/as são variadas, porém, curiosamente nenhum pai era mineiro, o que nos leva a indagar: Nem todas as famílias que habitavam a “beira do trilho” cumpriam funções nas minas de carvão na cidade, mas sofreram com a relação social gerada pela mineração.

As mães de Valmir e do Edison não trabalhavam fora, trabalhavam nas lidas do lar. Parece que se dedicavam exclusivamente aos trabalhos domésticos e cuidados dos filhos/as. Outras mães, como a de Rosimere e Fabrício executavam trabalhos alternativos para contribuir com a renda familiar. A mãe de Fabricio “costurava em sua residência para complementar a renda da família”. Rosimere relatou que a sua mãe lavava roupas para fora para poder ajudar no sustento da família. Segundo Rosimere a mãe “lavava roupas para famílias que moravam no centro da cidade”, as roupas eram lavadas em sua própria residência.

Podemos indagar: Como será que essas mulheres conciliavam os cuidados com a casa e os filhos e filhas e davam conta de seus trabalhos? Tais questões não abordarei nesse momento, mas apresenta-se como pista da labuta dessa população para conseguir criar seus filhos e filhas.

Os depoentes desse estudo cresceram em uma família relativamente grande, cujas mães ficavam em casa, em função de seu trabalho ou do cuidado com o lar e os pais eram os

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº1, janeiro/junho 2019.– Curso de Pedagogia– UNESC

provedores principais. As famílias desses depoentes seguiam o modelo da família nuclear constituída na modernidade aparentemente. Fato que deve ter influenciado nas experiências das infâncias. Sobre essas experiências início então mostrando quais as imagens do espaço da vila que marcaram as pessoas entrevistadas.

4.1 As imagens mais significativas da Vila Teresa Cristina

Eclea Bosi, no livro “Lembranças de Velhos” diz que a “lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual.” (BOSI, 1999, p. 55).

Assim, quando questionados sobre a recordação da infância em que bairro morava durante a infância, obtive diferentes significados para o mesmo local. Valmir Flausino relatou que durante a sua infância morava na beira do trilho. Ele narra, porque ouviu isso desde criança, que foi colocado o nome do bairro de Tereza Cristina por causa da Ferrovia que passava no bairro, e cita o nome do prefeito da época Argemiro Manique Barreto, afirma que esse prefeito: “trouxo os moradores para cá para fazer o progresso, para fazer a avenida”.

Valmir também relata que o “trem passava perto de sua casa e quando reduzia a velocidade, ele se pendurava no trem” e ia até a estação no bairro Pinheirinho, quando chegava de volta para a casa a sua mãe brigava. O trem passava várias vezes por dia.

O que mais marcou a lembrança do tempo de criança de Valmir no espaço da vila foi à presença da Maria Fumaça. Ele conviveu com o trem, brincou com o trem. Para Valmir pendurar-se no trem e andar por um percurso era uma brincadeira de criança que fez parte da sua infância, no entanto ele como outros meninos da vila não tinham ideia de quanto perigoso era essa brincadeira feita por eles. Seus pais muitas vezes não sabiam dessa brincadeira às vezes alguém que via contava para eles, e então assim que chegavam a suas casas seus pais brigavam, pois era uma brincadeira que envolvia muito perigo.

Enquanto para Valmir o trem é a lembrança mais marcante, para Rosimere Jeronimo Martins que veio morar no bairro Tereza Cristina com 8 anos de idade, foram as condições de infraestrutura do bairro. Embora muito criança ela recorda que: “tinha muito mato no bairro”, recorda também que não havia água encanada. “Tinha um poço de uma casa mais a cima, a vizinha doava água para os vizinhos. Era um poço com motor com uma água gelada e

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº1, janeiro/junho 2019.– Curso de Pedagogia– UNESC

gostosa”. “A vizinha era a única que possuía água e fazia o favor de fornecer para os vizinhos”.

Embora ela não expresse dessa forma, mas a solidariedade entre as famílias foi o que marcou sua recordação da vila como um todo. Eram muitas famílias que viviam na vila com poucas condições financeiras e eram poucas as famílias que tinham um pouco mais de condições, Rosimere narra que os vizinhos se ajudavam muito. E assim iam se construindo e fortalecendo laços de amizade entre as famílias.

“[...] A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. ” (BOSI, 1999, p.55). Trata-se, pois dos trabalhos da memória, que é sempre atualizada pelo tempo presente.

[...] A memória é a vida sempre carregada por grupos vivos, e nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações”. (NORA, 1993, p. 09).

O espaço da vila Tereza Cristina está presente nas memórias dos entrevistados de forma significativa, um espaço marcado pela degradação ambiental e pela presença da ferrovia. Suas famílias foram retiradas do Centro de Criciúma, mas colocadas no mesmo lugar “a beira dos trilhos” em um bairro afastado. Essas imagens são evidenciadas por eles por meio de recordações das experiências de infância no ambiente da vila e a suas recordações de lugares e brincadeiras de crianças.

4.2 Os lugares e as brincadeiras

A brincadeira se constitui num espaço imaginado onde podemos levantar hipótese sobre o mundo- que é simbólico, cultural, social e interativo - utilizando-nos de instrumentos e “ajustes” simbólicos que vem do repertório sócio-cultural que é circunscrito no grupo no tempo e no espaço. (FANTIN, 1999 p. 88). De acordo com Brougère (2004, p. 98) “[...] A brincadeira pressupõe uma aprendizagem social. Aprende-se a brincar. A brincadeira não é

inata, pelo menos nas formas que ela adquire junto ao homem”. Ao serem indagadas acerca dos lugares na vila que costumavam brincar, os entrevistados e entrevistadas remeteram-se a rua, a um banhado e ao trilho.

A rua entre os anos de 1975 a 1980 não era considerada um local perigoso para as crianças, nesse espaço eles improvisavam brincadeiras praticados por meninos e meninas. Valmir recorda o “campinho de futebol”. Lá Valmir relata “que era tantos os vizinhos que dava de montar um time de futebol”. Tinham muitos meninos que moravam por perto recorda Valmir e eles gostavam de muito de jogar bola improvisavam campinho em meio à pirta e passavam horas e horas jogando futebol.

Rosimere brincava de cozinhadinho, se reunia com mais amigas que moravam perto e iam brincar no lugar que tinha um matagal próximo de sua casa a mesma narra que “utilizava uma lata de leite ninho e fazia comida de verdade”. O fato de não terem brinquedos industrializados fez com que as crianças da vila Tereza Cristina improvisassem as suas brincadeiras com os materiais que tinham disponíveis. O espaço da rua e a natureza no local eram utilizados pelas crianças para as suas brincadeiras.

As brincadeiras de Fabrício eram na rua em “campinho de futebol” “fazendo armadilhas para pegar passarinhos”, rio “banhos” com os vizinhos. A rua como extensão de suas casas, os meninos e meninas da vila Tereza Cristina utilizam muito deste espaço, a rua é um espaço para eles com muitos significados que ficaram gravados na memória e na vida dos moradores.

Este espaço também ficou evidenciado na memória dos entrevistados assim como na memória de Edison que brincava atrás de casa ou em um morrinho de carvão onde hoje fica situado o 24 horas da Boa Vista. Edison narra também as suas brincadeiras na “chuva de rolimã e fazia cabanas no matagal, caçava preá e passarinhos”.

Todos os entrevistados citados relataram que tinha um local que dava de tomar banho, o entrevistado Valmir relata que era um “açude” que era próximo a sua casa “e que iam escondido para esse açude e que sua mãe quando descobria brigava”.

A entrevistada Rosimere define o local como “rio” e que ia para esse local brincar em cima de um capô de Kombi e que a água do mesmo era meio amarelada. Rosimere narra que iam meninos e meninas brincarem nesse local que ela define como “rio” e a água do mesmo

segundo ela tinha uma cor amarelada por causa do carvão, iam para lá com esse capô de Kombi que estava abandonado, aproveitaram o capô para improvisar um “barco”. Ela recorda que eles não tinham noção do perigo que uma queda de cima do capô dentro da água podia causar a eles, mais lembra com saudades dessa brincadeira inventada por eles na infância.

De acordo com, Gilles Brougère (2004), embora referindo-se a brinquedos industrializados, afirma que para uma criança, muitos objetos, e nesse caso elementos da natureza, transformam-se em brinquedos. Nas lembranças de Fabricio apresenta-se um lugar onde era possível tomar banho, conforme ele relata: “tomava banho em um banhado”. Carece de uma pequena reflexão, de que se a rua não era perigosa, não havia riscos, poderiam morrer afogados, no entanto, o que ocorre que mesmo as mães ficando em casa não controlavam seus filhos.

Pois algo que caracteriza este espaço e que ficou no imaginário dessas pessoas foi à relação com o trem e o trilho. Rosimere relata que quando criança “admirava o trem e gostava de brincar andando em cima da linha do trem com suas amigas de mãos dadas. Andávamos em duas pessoas, eu não tinha medo do trem, era admiração”. Assim, havia quem desafiasse o controle dos pais, como o entrevistado Valmir que ia por um grande percurso pendurado nos vagões do trem. Sem entender as consequências e os perigos daquela brincadeira de criança.

O trem era uma brincadeira muito perigosa, pois ele passava em uma velocidade constante. As crianças subiam e ficavam pendurados no trem, isso poderia levar uma queda durante o percurso, ou também podia acontecer um desequilíbrio e as crianças caírem. Tais quedas poderiam ou os levarem para baixo das rodas do trem ou se ferirem, se arriscavam muito com essa brincadeira. Não tive conhecimentos de acidentes com as crianças nesse tipo de brincadeira, precisaria de mais tempo para pesquisar.

O ambiente da Vila Tereza Cristina de acordo com os entrevistados era um ambiente degradado, com muito mato lama em dias de chuvas e piritá do carvão. Os moradores da vila Tereza Cristina entrevistadas trazem na memória de seu tempo de criança uma vila pobre elas não tinham parque, playground ou outro espaço adequado para as suas brincadeiras, porém elas próprias adaptavam os espaços existentes no ambiente da vila para criar seus brinquedos e suas brincadeiras.

4.3 Algumas lembranças dos brinquedos

É impossível descrever a infância sem falar da relação infância e o brinquedo. “[...] O brinquedo é um objeto infantil e falar em brinquedo para um adulto torna-se, sempre, um motivo de zombaria, de ligação com a infância. ” (BROUGÈRE 2004, p. 13). “[...] um dos objetivos do brinquedo é possibilitar à criança um substituto dos objetos reais para que possa manipulá-lo, ressignificando a realidade” (FANTIN, 1999, p. 89).

Com relação às lembranças de seus brinquedos, indaguei se tinham algum brinquedo e obtive respostas diferenciadas, desde aqueles que possuíam brinquedos feitos por eles ou por seus pais até os que tinham brinquedos industrializados. De acordo com Brougère (2004, p. 62):

O brinquedo pode ser definido de duas maneiras: seja em relação a brincadeira, seja em relação a uma representação social. No primeiro caso, o brinquedo é aquilo que é utilizado como suporte numa brincadeira; pode ser um objeto manufaturado, um objeto fabricado por aquele que brinca uma sucata efêmera, que só tem valor para o tempo da brincadeira, um objeto adaptado.

Valmir relatou que os brinquedos que tinha eram “feito em casa, funda com câmara de bicicleta, arapuca para pegar animais silvestres”. Valmir Recorda que não possuía brinquedos industrializados devido às condições financeiras da sua família, então o jeito era criar seus próprios brinquedos pegavam câmara de bicicleta que não tinha mais uso cortavam e construía fundas e saíam para pegar pássaros silvestres, as “arapucas” também eram um brinquedo muito utilizado por Valmir e seus vizinhos eram feita segundo Valmir amarrando um laço e ficavam a espera de algum animal cair na arapuca. Valmir mostra duas questões importantes do tempo e da condição que viveu sua infância. Primeiro a capacidade das crianças em criarem e inventarem seus brinquedos. Segundo a prática da caça aos passarinhos, questão que atualmente busca-se abandonar. Valmir então apresenta particularidades desse tempo.

O brinquedo que marcou a vida de Rosimere e por isso ela recorda foi à boneca: “eu enrolava um pano para fazer de boneca”. Pegava um pedaço de pano e enrolava bem enrolado como se fosse um bebê enrolado nas cobertas. Naquela época não tínhamos muito brinquedo

então eu fazia assim. Rosimere também conta que fez questão de ensinar para sua neta essa brincadeira que fez parte da sua infância. Mas, Rosimere também tinha uma boneca com três rostos que virava com a mão”. Era uma boneca de plástico o rosto era tipo “porcelana” sabe era um plástico muito fino, tinha um buraco no rosto dela com 3 faces uma sorrindo, uma dormindo e uma chorando então dava de mudar com a mão. Virava o rosto de acordo com queria, era uma boneca de um plástico muito seco, ganhei essa boneca da minha mãe.

Se a existência de uma representação humana oferecida à criança ou criada por ela mesma através da boneca parece ser de extensão quase universal, a forma que toma essa representação varia consideravelmente segundo os sistemas de produção, as expectativas sociais e as mentalidades. (BROUGÈRE, 2004, p. 29)

No entanto, Fabricio tinha carrinho “fusca”, bicicleta uma “caloi cross” e boneco “Falcon”. A recordação de Fabricio é de que possuía brinquedos industrializados, na mesma vila havia quem tinha condições de ganhar brinquedos industrializados como no caso de Fabricio e de quem não possuía brinquedos industrializados como recorda Valmir. Duas realidades opostas e que conviviam no mesmo meio o ambiente da vila Tereza Cristina. E havia quem possuía os fabricados artesanalmente e os comprados, como Edison que relatou que tinha funda ou estilingue, mas também tinha carrinho e bicicleta. As crianças da vila Tereza Cristina passavam uma parte do seu tempo brincando na rua quando não estavam na escola.

4.4 Recordações da escola em que estudaram

Ao pensar no espaço dessa vila na vida das crianças, uma das questões que vêm em mente é a presença ou não de uma escola. No referido bairro não havia ainda uma escola. Então todos os moradores tinham de se deslocar para uma escola em outro bairro.

Valmir relatou que estudava na “SCAM” bairro da juventude. A maior recordação da escola de Rosimere foi que “estudou na escola Jarbas Passarinho e que possuía somente um par de chinelos para ir à escola e que tinha que dividir o mesmo com seu irmão, cada um

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº1, janeiro/junho 2019.– Curso de Pedagogia– UNESC

usava o chinelo durante uma parte do percurso até chegar à escola” relembra ela a pouca condição financeira, pois seus pais não tinham condições de comprar dois pares de chinelos. A escola Jarbas Passarinho fica situada em outro bairro de Criciúma e o percurso até a mesma é longe para quem mora na Vila Dona Tereza Cristina e precisava fazer o percurso a pé.

Com relação aos direitos das crianças e a educação o Estatuto da Criança e do Adolescente do Brasil (Lei nº 8.069, de 13/7/90) Art.53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1990).

Fabrício recorda de ter estudado na escola Elisa Sampaio Rovaris que era na esquina de sua casa. Edson também estudou na mesma escola que ficava em frente a sua casa. A escola Elisa Sampaio Rovaris fica situada no bairro Tereza Cristina. Foi construída depois de muitas reivindicações dos moradores que antes da construção da escola tinham que se deslocar até bairros mais próximos para estudar.

Valmir e Rosimere também relataram que devido às condições financeiras serem muito poucas colocava o material escolar em um saco de arroz para levar a escola. A lembrança que Valmir narra da escola é do “folclore”, “nega Mariana”, “mula sem cabeça” faziam desfile igual à escola de samba e a mãe levava nós para ver. Lembro também que eles colocavam em cima da gente para assustar, o nome da brincadeira era boi-de-mamão narra o entrevistado Valmir.

A lembrança da escola que marcou Rosimere era do “lanche” que a escola fornecia para os alunos. Rosimere também recorda que brincava com duas “colegas” Simone e Cida estávamos sempre juntas. Sobre a escola a recordação de Fabrício é de algumas aulas com apresentações na frente da turma. Lembro-me de alguns colegas mais lembrar os nomes é mais difícil. A lembrança da escola que Edison recorda é do chocolate quente e das pistolas de vacinação que ainda tem medo, e da sua professora dona Zulma e da dona Selma.

5 CONCLUSÃO

Este estudo buscou compreender como as crianças da vila Tereza Cristina

construíram sua infância no ambiente em que viviam. Os elementos descritos nesse artigo dos relatos por meio do questionário que realizei mostram que os entrevistados adaptaram suas brincadeiras no ambiente da vila e percebesse que o espaço da “rua” de um “banhado” e do “trilho” era muito utilizado por meninos e meninas para as suas brincadeiras.

Alguns dos entrevistados narraram que não possuíam brinquedos industrializados, devido às condições financeiras de sua família então fabricavam seus próprios brinquedos. Dentre eles “arapucas”, “fundas”, fogão com latas de “leite ninho” entre outros. Há, porém quem tinha brinquedos industrializados, é possível ver as duas realidades na vila. As referências que foram utilizadas para sustentar esse estudo foram muito importantes para a compreensão do tema. As relações que as crianças têm com o ambiente ao seu redor evidenciam as suas capacidades de criar, imaginar e produzir seus próprios brinquedos e brincadeiras.

Com esta pesquisa espero ter contribuído com os estudos acerca da infância. E que apesar das dificuldades em alcançar a vida das crianças do passado, que este estudo sobre memórias da infância de oportunidade de conhecimento, pois é importante para recordar o tempo de criança dos moradores da Vila Tereza Cristina nos primeiros anos de sua fundação.

6 REFERÊNCIAS:

ARIÉS, Philippe. **História social das crianças e da família**. RJ: Zahar, 1978.p.156 -194.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** - lembranças de velhos. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília Casa Civil, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acesso em: 20 de outubro de 2017.

BROUGÉRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. São Paulo: Cortez, 2004.

COSTA, Marli de Oliveira. **Tudo isso eles contavam**. Memórias dos Moradores do bairro Santo Antônio- Criciúma – SC - 1880/2000. Criciúma: Secretária Municipal de Educação, 2000.p.: 130 il.

FANTIN, Mônica. **No mundo da brincadeira**: Jogo, Brinquedo e Cultura na Educação Infantil. Florianópolis; Cidade Futura, 1999.

GENEROSO, Edegar da Cunha. **Memórias da Marginalização a Fundação da Vila Dona Tereza Cristina: 1975-76**. Criciúma: 2001, Monografia de pós-graduação da Universidade do Extremo Sul Catarinense do curso de História Local e Regional.

NASCIMENTO, Dorval do. **As Curvas do Trem: A Presença da Estrada de Ferro em Criciúma (1919-1975), Modernidade, Cidade e Vida Urbana**, Florianópolis: 2000, (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <http://necat.ufsc.br/files/2011/10/Dorval-do-Nascimento.pdf>. Acesso em: 20 de outubro de 2010/17.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. Revista do Programa de estudos Pós-Graduados em História e do departamento de História da PUC/SP, São Paulo, n10 p.7-28dez. 1993.

MICHAELIS, **Dicionário prático da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008.

PINHEIRO, José Maurício dos Santos. **Da iniciação Científica ao TCC**. Uma abordagem para os cursos de tecnologia. Rio Janeiro: Editora Ciência Moderna LTDA, 2010.